ORIENTAL, 1 — SINTRENSE, 1 (4-6 EM CANTOS)

O SINTRENSE embora sem ganhar um jogo ACABOU POR MERECER A "TACA"

Jogo no campo «Eng.º Carlos Orleman».

Árbitro: Carlos Gomes (Lisboa) 1.

ORIENTAL — Frederico; Anturga Eduardo, Marques e João Antón-

47

Fonseca e Carlos José; Lemos, Cordeiro, Vilarinho e Renato.

SINTRENSE — Gomes; Pardal I, Vitor, Valente e Luís Moreira; Mega e Marques; Gomes Ferreira, Pardal II, Palma e Marquitos.

Marcadores: Gomes Ferreira, aos 5 minutos e Vilarinho, aos 50 minutos.

O Sintrense conquistou o troféu por usufruir vantagem nos «cantos» registados ao longo do encontro (6-4).

Esta edição da «Taça de Honra» da 2.ª Divisão da A. F. L. tem desde já, a curiosidade de ter saído vencedora uma equipa que, em qualquer das jornadas, não alcançou — pelo marcador de golos — qualquer vitória. Na verdade, o Sintrense venceu o Torense no primeiro dia pela diferença de dois «cantos» (4-2). O resultado fora o empate a uma bola. No sábado, na final, Sintrense e Oriental também empataram 1-1, e os sintrenses acabaram por receber o troféu devido á vantagem nos «cantos» (6-4). Ainda como história do torneio podemos assinalar, no entanto, que na verdade, e muito em especial pela tenacidade posta no primeiro jogo e pela melhor coordenação de lances no segundo encontro, o Sintrense foi, efectivamente, a melhor equipa neste torneio com que a A. F. L. inicia mais uma época. Outro pormenor a merecer citação especial é o facto de nos quatro jogos efectuados apenas se terem marcado 6 golos. Ineficácia dos ataques ou bom comportamento das defesas? Pelo que pressentiámos, inclinemo-nos para a primeira hipótese.

O jogo final teve a sua história, em especial no primeiro tempo, ainda que viesse a ser na segunda parte que se registassem os golos. Logo nos minutos iniciais, o Sintrense perdeu, por intermédio de Pardal I, uma oportunidade soberana de inaugurar o marcador. Valeu aos orientalistas a decidida intervenção do seu guarda-redes Frederico, que neutralizou, com uma defesa excelente, os h[illegible]tos do avançado contrário. Pairou desde logo a ideia de que o Sintrense estaria em campo com uma disposição diferente, até porque, ao contrário do que se havia verificado na primeira jornada, a equipa estava mais bem escalonada em todos os sectores, mormente no ataque, dado que tanto Marques como Marquitos actuavam mais sobre as linhas laterais, obrigando assim o reduto defensivo dos donos da «casa» a actuarem mais abertos. Faltou aqui — durante o período em que este sistema da equipa do Sintra foi evidente — um pouco de discernimento e acutilância dos avançados, que não desempenharam as funções de pontas-de-lança, pois seriam esses que poderiam ter entrado na área por entre os espaços que a defesa orientalista por vezes facilitou. Primeiro, porque isso não aconteceu, depois porque Frederico voltou a fazer boa exibição, o Sintrense não conseguiu nesse primeiro tempo em que a sua superioridade foi flagrante, adiantar-se no marcador. Não se infira daqui, porém, que o Oriental constituíu, nestes 45 minutos iniciais, uma equipa sem possibilidades de reacção, sem oportunidades de marcar também. O Oriental teve igualmente momentos em que o golo esteve iminente. Simplesmente, cometeu um erro ao jogar «todo o mundo» para o jovem Vilarinho, a denunciar a ideia de que só o pequeno avançado-centro poderia «virar» o jogo. E sucedeu até a Cordeiro, um jogador com certa maturidade futebolística, perder lances só por procurar onde se encontrava o seu campanheiro de equipa. Isto sucedeu no primeiro tempo. E aproveitamos para, num breve parentesis, falar precisamente de Vilarinho, um jovem que indiscutivelmente possui reais possibilidades, com bom sentido de desmarcação, dois bons pés e acutilância.

Na segunda parte, logo nos primeiros minutos, o Sintrense colocou-se em vencedor, mas essa posição não durou mais do que 4 minutos. A igualdade surgiu e o jogo passou a ter outro cariz. Mais entusiasmo, mais luta precipitada em busca do golo e pouco discernimento de qualquer dos lados. O Oriental esteve mais no ataque, teve mesmo algumas oportunidades de voltar a marcar, mas a confusão frente á baliza de Gomes era demasiada, mesmo quando os defesas sintrenses atravessaram um período de oscilação e nervosismo. Depois, á entrada da última meia hora o equilíbrio foi a nota dominante. Mega e Marques viram a sua zona — a do meio-campo — reforçada com a presença de Gomes Ferreira e seguraram a zona vital da equipa, partindo daí para o focado equilíbrio. Por tudo isto, aceita-se o resultado do jogo... e até o vencedor do torneio.

No Oriental, Vilarinho foi — mesmo assim — a grande figura. Frederico esteve bem, salvo o lance do golo em que não segurou o esférico, permitindo a recarga vitoriosa. Fonseca e Eduardo merecem também boa nota.

Gomes foi o melhor dos sintrenses, logo seguido por Valente, Mega, Marquitos, Gomes Ferreira e Pardal I.

Boa arbitragem de Carlos Gomes.

GUIDO CARVALHO

Em bom estilo, um remate de Vilarinho a inquietar os defensores sintrenses. Todavia, a bola não leva a direcção desejada e o perigo passará